

INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA: A IDEOLOGIA DO INGLÊS PADRÃO E IMPLICAÇÕES PARA A SALA DE AULA

EL INGLÉS COMO LENGUA FRANCA: LA IDEOLOGÍA DEL INGLÉS ESTÁNDAR Y SUS IMPLICACIONES EN EL AULA

ENGLISH AS A LINGUA FRANCA: THE IDEOLOGY OF STANDARD ENGLISH AND CLASSROOM IMPLICATIONS



Keila Brito dos Santos ALBA¹
e-mail: keilabsa@gmail.com



Nilva de Oliveira Brito dos SANTOS²
e-mail: nilvaobs@gmail.com

Como referenciar este artigo:

ALBA, K. B. S. Inglês como língua franca: a ideologia do Inglês padrão e implicações para a sala de aula. **Rev. Entre Línguas**, Araraquara, v. 11, n. 00, e025010, 2025. e-ISSN: 2447-3529. DOI: 10.29051/el.v11i00.19838



| Submetido em: 23/11/2024
| Revisões requeridas em: 26/03/2025
| Aprovado em: 15/10/2025
| Publicado em: 21/12/2025

Editores: Prof. Dr. Ivair Carlos Castelan
Profa. Dra. Rosangela Sanches da Silveira Gileno
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá – Paraná (PR) – Brasil. Programa de Pós-graduação em Letras.

²Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranavaí – Paraná (PR) – Brasil. Professora Doutora do Colegiado de Pedagogia.

RESUMO: Este artigo traz uma reflexão sobre o inglês como língua franca, sua concepção, abordagem e implicações pedagógicas. Também aborda a questão da ideologia do inglês padrão e a perspectiva do falante nativo e do não nativo no contexto de falante de um idioma em situações globais. Questões relevantes sob a perspectiva de ILF, como identidade, ideologia e contemporaneidade, com a finalidade de romper padrões hegemônicos e uma abordagem tida como ultrapassada no ensino de língua inglesa, estão contempladas na produção.

PALAVRAS-CHAVE: Inglês como língua franca. Sala de aula. Ideologia. Inglês padrão.

RESUMEN: Este artículo presenta una reflexión sobre el inglés como lengua franca, su concepción, enfoque e implicaciones pedagógicas. Asimismo, aborda la cuestión de la ideología del inglés estándar y la perspectiva del hablante nativo y no nativo en el contexto del uso de una lengua en situaciones globales. Se contemplan cuestiones relevantes desde la perspectiva del ILF, como la identidad, la ideología y la contemporaneidad, con el objetivo de romper patrones hegemónicos y superar un enfoque considerado obsoleto en la enseñanza de la lengua inglesa.

PALABRAS CLAVE: Inglés como lengua franca. Aula. Ideología. Inglés estándar.

ABSTRACT: This paper reflects on English as a lingua franca, its conception, approach and pedagogical implications. It also addresses the issue of the ideology of Standard English and the perspective of the native speaker and non-native speaker in the context of speaking a language in global situations. Relevant issues from the perspective of ELF, such as identity, ideology and contemporaneity, breaking hegemonic patterns and an approach considered outdated in English language teaching are covered in the production.

KEYWORDS: English as a lingua franca. Classroom. Ideology. Standard english.

Introdução

Neste artigo são trazidas algumas reflexões sobre o inglês como língua franca, sua concepção, abordagem e implicações pedagógicas. Também são abordadas as questões ideológicas do inglês padrão e a perspectiva do falante nativo e do não nativo. Serão tratadas questões importantes relacionadas ao inglês como língua franca (ILF), como identidade, ideologia e contemporaneidade.

Diante das dificuldades que o professor de língua inglesa pode encontrar nas salas de aula, justifica-se o presente trabalho, isso porque muitas ideologias acerca do ensino da língua inglesa podem ter uma grande influência do ensino tradicional, centradas na ideologia da língua inglesa padrão e do falante nativo. Fruto do imperialismo britânico e americano, a expansão da língua inglesa apresenta fortes características ideológicas mantidas pelos países hegemônicos, com os quais os demais países mantêm contato ou dependem.

Ao propor ensinar o inglês pela perspectiva da língua franca, o professor, primeiramente, pode se propor a conhecer as ideologias dominantes intrínsecas ao estudo da língua inglesa e escolher o posicionamento que irá adotar em sua prática de ensino e aprendizagem.

No decorrer do presente trabalho, contribuições relevantes de Baker (2018), Bordon (2020), Cogo (2012), Jordão (2010), Moita Lopes (2008), Santos e Siqueira (2019), Seidholfer (2001) e Siqueira (2018, 2023), serão trabalhadas em três etapas: os conceitos relacionados ao estudo de ILF; a ideologia do inglês padrão e do falante nativo; e as implicações pedagógicas.

Concepção, conceituação e natureza

O uso do inglês como língua franca ocorre quando pessoas de diferentes nacionalidades e línguas maternas utilizam o inglês como meio de comunicação para superarem barreiras linguísticas e se entenderem. Isso é comum em situações em que pessoas de diferentes origens precisam comunicar-se, seja em um contexto mercadológico, acadêmico, turístico ou em outros cenários globais.

O inglês tornou-se a principal língua de comunicação internacional devido ao seu amplo uso em negócios, ciência, tecnologia, diplomacia e entretenimento. Devido à natureza global do inglês, muitas pessoas falam diferentes variedades de inglês, até mesmo dentro de um mesmo país. Por isso, é tão importante afastar a ideia do falante ideal e de que existe um padrão que deve ser seguido. Nesse sentido, vale ressaltar as três características do inglês padrão:

01. É um constructo idealizado e irreal, que não leva em conta a variação (as mudanças realizadas pelos usuários no uso).
02. É visto por aqueles que o impõem como politicamente neutro e acessível a todos; contudo, trata-se da língua falada pelas classes privilegiadas, considerada superior a qualquer outra variedade.
03. É reforçado na educação, uma vez que as escolas impõem a língua padrão ao atribuírem boas notas àqueles que a utilizam e notas baixas àqueles que não a utilizam (Bordon, 2020, p. 55-56, tradução da autora).³

A concepção e o uso do ILF representam uma abordagem na qual o inglês é utilizado como meio de comunicação entre falantes de diferentes línguas maternas e essa concepção difere da ideia de que o inglês deve ser baseado em normas e no sotaque de falantes nativos. O ILF reconhece que a maioria dos falantes de inglês no mundo não é de língua inglesa materna e que o inglês é usado predominantemente como uma língua de comunicação global em contextos internacionais. Nesse sentido, o ILF foi definido como “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas, para os quais o inglês é o meio de comunicação escolhido e, muitas vezes, a única opção” (Seidholfer, 2001, p. 7, tradução da autora).⁴

É importante que os falantes entendam que existem essas diferenças. Por outro lado, precisam ser observadas as habilidades de comunicação — como compreensões auditiva e de fala e expressões oral e corporal — e, além da língua, compreender as normas culturais e a etiqueta de comunicação é importante para evitar mal-entendidos e ofensas culturais; detalhes essenciais quando usa o ILF, uma vez que a comunicação eficaz é fundamental.

O falante de ILF pode utilizar estratégias criativas para facilitar a comunicação com interlocutores de diferentes contextos. Na concepção de ILF, é importante destacar algumas características-chave como o fato de que o ILF reconhece e valoriza a diversidade linguística dos falantes de inglês, permitindo que eles usem suas próprias variedades de inglês e estruturas linguísticas, em vez de adesão reforçada às normas do inglês nativo. Nesse contexto, “a consciência de ELF envolve ver os aprendizes de inglês como usuários do inglês, e não como aprendizes que buscam ter como objetivo o inglês de falantes nativos” (Bordon, 2020, p. 44, tradução da autora)⁵. Isso porque a principal ênfase do ILF é a comunicação eficaz; os falantes

³ 1. *It is an idealized unreal construct, which does not take into account variation (changes made by users through use).* 2. *It is seen by those who impose it as being politically neutral, and accessible to everyone yet, as the language spoken by the privileged classes, superior to any other variety.* 3. *It is reinforced in education, since schools impose standard language by awarding good grades to those who use it and poor grades to those who don't.*

⁴ “Any use of English among speakers of different first languages for whom english is the communicative medium of choice, and often the only option”.

⁵ “ELF awareness involves seeing learners of English as users of English rather than learners trying to aiming at native-speaker English”.

de língua inglesa concentram-se em transmitir suas mensagens e garantem que sejam compreendidos, em vez de buscar a perfeição gramatical ou fonética.

É importante lembrar ainda que a língua inglesa, em muitas situações, é considerada uma língua internacional, seja para os negócios, estudos, turismo ou para situações sociais.

Sobre o inglês ser considerado uma língua internacional, Cogo (2012, p. 97, tradução da autora) destaca que: “Para negócios, estudos, comércio, socialização ou turismo, o inglês é, hoje em dia, uma língua verdadeiramente internacional. [...] essa internacionalização do inglês tem consequências inevitáveis, não apenas para a forma como ele é usado, mas também para a forma como é ensinado”⁶.

O ILF leva em consideração as diferenças culturais e sociais entre os falantes e adapta a comunicação de acordo com essas diferenças, promovendo uma compreensão mútua. O ILF aceita uma ampla variedade de sotaques e estilos de inglês. Os falantes não são julgados com base em seu sotaque ou pronúncia, desde que a comunicação seja clara, inclusive, quando faltantes nativos como falantes de ILF que participam de interações em ILF não como falantes nativos, mas como usuários de ILF, adaptando o seu inglês para ser compatível com o de outros falantes — mesmo porque o uso do inglês como língua franca é altamente contextual. A forma como o inglês é usado pode variar dependendo do contexto, do público e do propósito da comunicação; isso demonstra o quanto os falantes de ILF são flexíveis e adaptáveis na comunicação para diferentes práticas comunicativas, mesmo porque as línguas transformam-se o tempo todo em todos os contextos. Eles podem alternar entre variedades de inglês, usando estratégias de negociação significativas. Tanto que:

Sob a égide do empoderamento do usuário, o qual desestabiliza as relações de poder entre os supostos donos da língua, compreendo o ILF como um fenômeno profundamente inter(trans)cultural que, por excelência, se materializa em espaços onde deve predominar o desejo de se explorar e aceitar diferenças na comunicação, relativizar valores e posturas, assim como desenvolver a habilidade de mediar o contato de diferentes grupos em práticas comunicativas (Baker, 2018 *apud* Siqueira, 2018, p. 99).

De tal forma, Siqueira (2018, p. 96) considera ainda que, o avanço do inglês pelo mundo é um fenômeno de caráter transcultural e que, por conta disso, “transcende a concepção tradicional de língua franca, flagrantemente anacrônica para um mundo que se enxerga cada

⁶“For business, studying, trading, socializing, or tourism, English is nowadays a truly international language. [...] this internalization of English has inevitable consequences, not only for the way it is used but also the way it is taught”.

vez mais multilíngue e que reclama a simetria de poder tão própria de contextos interculturalmente sensíveis”.

Sob a perspectiva de ILF, é importante destacar a presença do falante nativo na interação com um interlocutor de uma língua materna distinta da sua, deixando-se bastante claro que, nesse diálogo transcultural, que as relações de poder precisam ser neutralizadas, em especial por conta do papel ativo daqueles usuários que transformam a língua.

Falante nativo e a ideologia do inglês padrão

É importante discutir acerca da ideologia do falante nativo de inglês, tendo em vista que essa ideologia pode estar associada a muitos contextos que consideram que aqueles podem ser percebidos como tendo um status linguístico mais elevado, podendo resultar em privilégios linguísticos, sendo que ainda podem ser preferidos para empregos, oportunidades educacionais e outras situações em que o inglês é uma língua importante. Diante dessa ideologia, temos que:

Vivemos tempos de rompimentos de fronteiras, de negociação de poder e imprevisibilidades. Na minha ótica, nesse pormenor, a rota “centro-periferia”, exatamente por conta da expansão da língua inglesa pelo mundo, vem, a cada dia, se vendo forçada a operar em outras bases de poder. Um exemplo disso é o destronamento do falante nativo que, mesmo a contragosto de muitos, foi destituído de sua aura de divindade e hoje habita o espaço dos mortais, ou seja, está nivelado no seu status a qualquer usuário de inglês de qualquer parte do mundo. Incertezas são nossas companheiras, modelos prontos não mais nos interessam, binarismos são coisa do passado (Siqueira, 2018, p. 109-110).

Para fins de contextualização, os falantes nativos de inglês podem não ser o foco principal na discussão do ILF, mas eles podem desempenhar um papel importante. A ideologia do falante nativo em relação ao ILF pode variar amplamente e é necessário considerar que em relação à aceitação da diversidade linguística, muitos falantes nativos de inglês estão cientes da diversidade linguística e da importância de adaptar-se ao contexto de comunicação. Eles podem adotar uma abordagem mais inclusiva e tolerante em relação aos sotaques e estilos de fala de não nativos de inglês. Infelizmente, em muitas situações, ainda existe a cultura da valorização do inglês britânico e do norte-americano como uma ideologia subjacente. Na realidade, observa-se que o inglês britânico é uma variedade linguística que abrange uma ampla gama de sotaques, dialetos e estilos de fala, refletindo a diversidade do Reino Unido e de suas comunidades linguísticas. De fato, existem algumas características linguísticas que são

frequentemente associadas ao inglês britânico e que podem ser influenciadas por fatores históricos, sociais e regionais:

Mas o que é interessante nessa discussão é que ela desequilibra o status do falante nativo e de sua norma, se ajustando bem a nossa posição teórica, que situa o inglês nas margens. É assim, por exemplo, que Mignolo (2000:252) ressalta que “os valores nacionais colocados nas línguas... não mais correspondem à experiência transnacional de uma parte significativa da população, como também [a sua] experiência translinguística”²⁰, chamando atenção para a enorme força que, por exemplo, o inglês tem fora dos Estados Unidos e Inglaterra assim como o espanhol fora da Espanha e o francês no mundo francófono (Mignolo, 2000: 239) (Lopes, 2008, p. 328).

O inglês britânico pode ser frequentemente associado à tradição e ao conservadorismo linguístico, muitas vezes percebido como mais formal do que algumas variedades do inglês, o que pode ser atribuído à influência da realidade britânica, sua história e cultura imperial. Observa-se que tendo a língua inglesa como instrumento imperial:

O papel do inglês no mundo contemporâneo é explicado pela importância que o Império Britânico teve no século XIX e, no início do século XX, e pela predominância mundial da economia dos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial, gerando um tipo de neocolonialismo ou imperialismo. Esse momento histórico-econômico se estende até o final do século XX e toma novas direções no que se convencionou chamar de globalização, ainda que haja muitas maneiras de entender o significado desse termo (Lopes, 2008, p. 313).

Na perspectiva do inglês padrão e sua ideologia, Bordon (2020, p. 56-58) ressalta que o inglês padrão é uma variedade do inglês, linguisticamente igual a qualquer outro. O *Received Pronunciation* (RP) era frequentemente considerado o padrão de prestígio, enquanto os sotaques regionais eram frequentemente estigmatizados. Felizmente, as atitudes em relação a isso têm mudado ao longo do tempo e muitas variedades de inglês britânico são agora valorizadas e apreciadas por suas variações culturais; assim como todas as línguas, o inglês britânico continua a evoluir ao longo do tempo. A influência de mídia, migração e globalização tem afetado a língua, levando às mudanças no vocabulário, na pronúncia e na gramática.

Da mesma forma ocorre com o *General American* (GA), a expectativa de que apenas o GA de alto prestígio seja reconhecido em sala de aula nega aspectos da identidade dos alunos como falantes não-nativos de inglês. Sotaques não-nativos estão presentes na grande maioria

dos falantes de inglês em todo o mundo e devem ser reconhecidos e discutidos nas aulas de inglês.

Nesse sentido, Bordon (2020, p. 57, tradução da autora) salienta que “o uso exclusivo do Inglês Padrão e dos acentos RP (*Received Pronunciation*) ou GA (*General American*) limita os aprendizes, nega-lhes oportunidades de autoexpressão e nega aspectos de sua identidade”⁷.

É importante lembrar que o inglês britânico não é uma ideologia única, mas uma coleção diversificada de variedades linguísticas que refletem as complexidades e nuances da sociedade britânica. Cada pessoa que fala inglês no Reino Unido pode ter sua própria perspectiva e atitude em relação à língua e a língua está sempre em evolução.

No entanto, como o inglês é uma língua usada em diversos contextos, os seus falantes nativos sabem da importância da língua e podem ter uma atitude aberta em relação à diversidade linguística. Como todas as línguas, a língua inglesa está em constante mudança e evolução; a língua está em constante transformação, incorporando novas palavras, expressões e modos de comunicação. O inglês possui uma ampla gama de variações regionais em termos de sotaques, dialetos e vocabulário. Os falantes nativos de inglês podem ter uma ligação forte com o sotaque e o dialeto de sua região de origem, mas também são capazes de entender e adaptar-se às diferentes variedades de inglês. Muitos falantes nativos confirmam a importância do multilinguismo e podem valorizar a aprendizagem de outras línguas; eles também podem adotar uma atitude positiva em relação à acessibilidade e à comunicação eficaz, especialmente quando em interação com falantes não nativos de inglês. Sobre a comunicação em ILF, temos que:

Dois pontos importantes precisam ser abordados em relação a essa caracterização do ELF como uma forma de comunicação intercultural. Primeiro, e de modo mais evidente, isso implica que o ELF não é culturalmente nem identitariamente ‘neutro’, como foi sugerido por alguns pesquisadores de ELF (por exemplo, House, 2014). Afirmar que existe algo como uma comunicação neutra é não compreender a natureza da comunicação como prática social. Toda comunicação, intercultural ou não, envolve participantes cujas identidades estarão presentes na interação de uma forma ou de outra. Além disso, a comunicação é uma forma de prática cultural e, portanto, necessariamente envolve mobilizar, construir e negociar referenciais culturalmente situados e práticas comunicativas (Baker, 2018, p. 27, tradução da autora).⁸

⁷The exclusive use of Standard English and RP or GA accents limits learners denies them opportunities for self-expression, and denies aspects of their identity.

⁸Two important points need to be addressed in relation to this characterisation of ELF as a form of intercultural communication. First, and most obviously, this entails that ELF is not culturally or identity ‘neutral’, as has been suggested by some ELF researchers (e.g. House, 2014). To claim that there is such a thing as neutral communication is to misunderstand the nature of communication as a social practice. All communication, intercultural or otherwise, involves participants whose identities will be present in the interaction in one way or

Considerando a diversidade de falantes nativos de inglês em todo o mundo, não é possível generalizar completamente suas atitudes e ideologias linguísticas. Cada indivíduo pode ter suas próprias perspectivas e experiências relacionadas ao inglês.

A sigla ILF representa muito mais do que o uso do inglês como uma língua de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas em contextos interculturais. É importante observar que o conceito de ILF concentra-se na função do inglês como meio de comunicação eficaz, independentemente da origem linguística dos falantes. Portanto, os falantes nativos de inglês não são necessariamente o foco principal na discussão do ILF, mas eles podem desempenhar um papel importante. Assim, destaca Siqueira (2018):

Nas já hoje consolidadas releituras do termo, Seidlhofer (2011, p. 7) concebe o ILF como “qualquer uso do inglês entre falantes de diferentes línguas maternas para quem a língua é o meio de comunicação de escolha e, geralmente, a única opção”. Cogo e Dewey (2012, p. 8), por sua vez, definem o ILF como “o uso do inglês em contextos onde o idioma é utilizado como uma língua de contato por falantes de variados *backgrounds* linguísticos que, normalmente, não dispõem de uma outra língua em comum (Siqueira, 2018, p. 98-99).

O entendimento da cultura e do contexto dos falantes inglês é fundamental no ILF. Os falantes de inglês podem ser sensíveis às normas culturais, expectativas de comunicação e modos de expressão de seus interlocutores. Muitos falantes de inglês podem ver a interação em contextos de ILF como uma oportunidade de aprendizado mútuo, em que todos podem aprimorar suas habilidades linguísticas e culturais.

No entanto, é importante destacar que as atitudes em relação ao ILF podem variar consideravelmente entre os falantes de inglês. Alguns podem ser mais tradicionalistas e podem ter uma preferência por normas linguísticas tradicionais, enquanto outros podem adotar uma abordagem mais aberta e inclusiva. O conceito de ILF enfatiza a eficácia da comunicação em inglês, independentemente da origem dos falantes. Portanto, a ideologia do falante nativo em relação ao ILF pode variar, onde muitos estão abertos à diversidade linguística e cultural e priorizam a comunicação eficaz. A ideologia de um falante nativo de inglês pode variar amplamente, uma vez que as pessoas têm uma diversidade de opiniões, valores e opiniões. A língua inglesa é falada em muitos países ao redor do mundo e os falantes nativos podem ter

another. Furthermore, communication is a form of cultural practice and so will necessarily involve drawing on, constructing and negotiating culturally based frames of reference and communicative practices (Baker, 2018, p. 27, tradução da autora).

origens culturais e experiências de vida muito diferentes. Por isso, constata Santana (2020, p. 166) que o ILF “é índice de que o universo é altamente heterogêneo”.

Implicações pedagógicas do ensino de inglês sob a perspectiva do ILF

Pautar uma discussão quanto às implicações pedagógicas do ensino de línguas e no presente estudo, a língua inglesa exige necessariamente trazer para o centro de reflexão o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, a mediação.

Em uma perspectiva crítica “o ensino é a relação que o professor estabelece com o conhecimento e a aprendizagem é a relação que o aluno estabelece com o conhecimento. (Almeida; Oliveira; Arnoni, 2007, p. 111). O aluno pode aprender desde que alguém — no caso o professor — o ensine. A ele cabe desenvolver o processo de ensino, cujo dever é a aprendizagem do aluno.

O ensino da língua inglesa é uma disciplina importante em muitas partes do mundo, devido ao papel predominante do inglês como principal língua de comunicação. Nessa perspectiva, o inglês como língua franca refere-se ao uso do inglês como uma língua de comunicação entre pessoas de diferentes línguas maternas mundo afora. Em um contexto de ILF, as pessoas usam o inglês como uma ferramenta de comunicação, muitas vezes em situações internacionais e multiculturais.

Nesse sentido, Moita Lopes (2008) destaca que:

nenhuma língua experimentou o poder do inglês em termos de domínio planetário. A estimativa é que mais de 1 bilhão de pessoas aprendam inglês atualmente, de acordo com dados do Conselho Britânico de 2005 (www.weforum.org), sendo que 375 milhões falam inglês como primeira língua (ainda que esteja cada vez mais difícil definir exatamente esse tipo de inglês, como vou discutir posteriormente), e 750 milhões usem o inglês como segunda língua. As projeções são que, se o ritmo de desenvolvimento do inglês global continuar, em 10 anos, mais 2 bilhões de pessoas vão falar esse idioma (Graddol, 2006), chegando ao total de 3 bilhões de falantes no mundo (Lopes, 2008, p. 314).

O ensino do inglês sob a abordagem de ILF tende a ser mais inclusivo e flexível, uma vez que não se baseia rigidamente nas normas dos falantes nativos. Isso torna a língua mais acessível a uma ampla gama de estudantes e faz com que estes sintam-se confortáveis com o fato de não terem que seguir padrões para aprenderem uma língua e a comunicarem-se eficazmente.

Tendo em vista essas características, o ensino da língua inglesa pela perspectiva do ILF enfatiza o uso prático da língua como meio de comunicação internacional, não se concentrando em orientações tidas como padrões nativos de falantes de inglês. A importância do ensino da língua inglesa sob esse enfoque reside em diversos aspectos. O ILF registra que o inglês é usado como uma língua franca em todo o mundo, portanto, os alunos precisam ser preparados para se comunicarem de forma eficaz, não somente em ambiente global de educação, cultura, lazer, viagens, negócios e afins, mas para sentirem-se inseridos em um contexto global de comunicação de maneira confortável, segura e eficaz em situações de mundo real. Dessa maneira, o ILF permite que os alunos compreendam e sejam compreendidos por um público diversificado de falantes de inglês, o que é fundamental em um mundo cada vez mais interconectado; isso amplia suas oportunidades de interação e colaboração em contextos internacionais.

Por isso que, conforme ressalta Jordão (2010), resultante de algumas crenças, a sociedade, mesmo com esforços institucionais e comunitários, está muito distante de falar inglês ou proporcionar aos menos privilegiados a tão desejada mobilidade social e/ou econômica — mobilidade baseada no estatuto social da língua inglesa como uma *commodity* que permite galgar degraus na estrutura social. Para tanto, elenca fatos com base das teorias pós-colonialistas sobre a formação dos professores de inglês no Brasil:

Se tomamos, portanto, este amplo escopo das teorias pós-coloniais, veremos que a formação/educação de professores, e mais especificamente a formação de professores de inglês no Brasil, faz parte desse tecido, pelo menos quanto aos seguintes aspectos:

- A insistência na distinção colonial nativo e não-nativo perdura no campo das teorias de aquisição de línguas e ensino de inglês como língua estrangeira (EFL), principalmente no que diz respeito aos conteúdos a serem ensinados/aprendidos e aos métodos de ensino e formação de professores. Tal distinção e o destaque dado a ela ainda informam as identidades dos professores de EFL, influenciando as maneiras como tais professores se percebem na sociedade e como eles são vistos pelas comunidades de que participam. O ensino de línguas estrangeiras, especialmente no caso do inglês, coloca os não-nativos envolvidos localmente no processo de ensino/aprendizagem em posições subalternas em relação à autoridade que os falantes nativos supostamente teriam sobre sua própria língua;
- a língua inglesa se tornou uma *commodity* no mundo (Jordão, 2004). Ela é comprada e vendida como um objeto de consumo com base na crença de que o domínio desta língua permite, inclusive aos cidadãos das classes sociais e culturas menos privilegiadas, alcançar melhores posições na sociedade (May, 2001);
- O conceito de letramento é geralmente equacionado a “racionalidade e habilidade intelectual” (Norton, 2007, p.9); essa crença coloca a língua inglesa como a língua da ciência e da tecnologia e dela advém uma outra crença, ainda mais perigosa — a de que “pessoas letradas em inglês [poderiam ser

consideradas] mais racionais e mais hábeis intelectualmente do que aquelas que não sabem inglês” (Norton, 2007, p. 9);

- O ensino/aprendizagem de EFL no Brasil tem sido via de regra a reprodução de modelos de ensino/aprendizagem ditos internacionais — a maioria deles desenvolvidos no norte, ou seja, na Inglaterra e nos Estados Unidos; a educação de professores de inglês tem seguido os mesmos modelos, normalmente objetivando simplesmente desenvolver o “conhecimento para a prática”, e apenas muito raramente preocupando-se com o “conhecimento da prática” (Cochran-Smith; Lytle, 1999) (Jordão, 2010, p. 428-429).

Jordão (2010) destaca sua crença profunda de que a característica localizada e contextual de cada alternativa que se apresenta como solução possível, diante da noção freireana de práxis como uma prática teórica e uma teoria prática, que:

Para Freire (1998, 1999) existe uma profunda interação entre teoria e prática, tanto que chega a borrar a distinção entre as duas, e a trazer à tona a noção de teoria como uma forma de prática. Isso significa que discussões teóricas e as alternativas que tais discussões possibilitam são práticas em si mesmas, e como tal constituem modos de saber e construir realidades. Outra implicação da noção freireana de práxis é a reconceituação de agência em discurso, numa compreensão de agência como uma prática reflexiva que desafia constantemente, em vários campos ideológicos, seus próprios pressupostos e desdobramentos, enfocando a transformação e constante reavaliação de procedimentos interpretativos de construção de sentidos, e os conhecimentos por eles produzidos (Jordão, 2010, p. 438).

Ao colocar ênfase na comunicação eficaz e na compreensão mútua, incentivando os alunos a desenvolverem habilidades de escuta, fala, leitura e escrita, o ILF pode ajudar a melhorar as competências comunicativas dos alunos em situações do mundo real em vários contextos, inclusive, valorizando as variações linguísticas e confirmando que diferentes sotaques, estilos e estruturas linguísticas podem coexistir e ser igualmente eficazes. Isso contribui para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação às diferentes formas de falar inglês em todo o mundo, inclusive afastando-se das normas e ideologia do falante nativo.

Nessa linha de pensamento, Santos e Siqueira (2019) apontam que:

a perspectiva de ILF é relevante para nosso contexto, sendo apontado os seguintes princípios dentre aqueles a serem levados em consideração: o estudo e a experiência comunicativa com diferentes variedades do inglês, reflexões sobre questões de identidade e posse da LI, discussões acerca de como avaliar habilidades produtivas que se distanciam das normas do falante nativo, a natureza intercultural do inglês e questões de inteligibilidade (Santos; Siqueira, 2019, p. 78).

Os alunos podem ter diferentes necessidades linguísticas individuais, as quais o professor não deve ignorar. É importante pensar o processo de ensino levando em consideração essas necessidades individuais e esse cotidiano com a clareza de que para ensinar, o professor deve empenhar-se em estabelecer as diferenças entre o conhecimento produzido historicamente pelo conjunto da humanidade — ou seja, o conhecimento científico — e as experiências cotidianas do aluno.

O estudante aprende quando relaciona, por meio da oposição, suas experiências cotidianas com os tópicos relativos ao conhecimento já sistematizado pela humanidade que lhe são ensinados pelo professor. Esse conhecimento modifica a sua vida cotidiana, mas não a suprime, ao contrário, fortalece, na medida em que permite que ela seja pensada e, dessa forma, articulada às experiências que a humanidade vem sistematizando no decorrer da história. Quanto maior for a articulação, maiores serão as possibilidades de mediação (Almeida; Oliveira; Arnoni, 2007, p. 118).

Contudo, tendo em mente que o inglês padrão ainda desempenha um papel fundamental em muitos contextos — como na comunicação global, negócios internacionais, educação acadêmica, entre outros —, a decisão de não ensinar o inglês padrão na sala de aula deve ser tomada com cuidado e com atenção aos objetivos e necessidades específicas dos alunos e considerando o contexto educacional.

O professor de língua inglesa precisa estar ciente do seu importante papel político e formador, procurando sempre motivar o estudante de língua inglesa a ter pensamento crítico com relação ao aprendizado e buscar conhecimento acerca de outras culturas, inclusive dos países hegemônicos de língua inglesa, para que possa formar opinião e trabalhar sob a perspectiva de ILF. Siqueira (2005, p. 4) destaca que existe “[...] uma crítica vigorosa diante da postura supostamente alienada e apolítica da maioria dos professores, onde a glorificação de culturas estrangeiras, principalmente as culturas americana e britânica, se tornou uma máxima.”

Além de ciente de sua responsabilidade enquanto professor de língua inglesa, é importante o professor estar atento aos desafios, ao discurso ideológico de estudos relacionados à língua inglesa e sua relação com o ensino e aprendizagem, apresentando a concepção de seu uso enquanto língua franca em sala de aula e tentar afastar a ideia do inglês padrão em estudos de língua inglesa. Nessa perspectiva, Lopes (2008) destaca a importância de haver uma valorização do professor não-nativo de inglês — um dos pontos mais problemáticos na formação de professores —, devido ao ideal inatingível de competência nativa para muitos professores estrangeiros com os quais ainda se opera (Lopes, 2008, p. 329).

Diante dessa possibilidade, surge um novo posicionamento por parte dos responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem desse idioma tão falado e desejado no mundo inteiro. Um posicionamento pautado em uma consciência crítica e bem orientada para a igualdade entre os povos e classes sociais de todas as partes do globo. Igualdade esta que em nada tem a ver com a assimilação de costumes e práticas únicas para todos ou que se ancora não na completa identificação entre os seres, mas numa igualdade advogada em termos de valor e apreciação dos indivíduos por serem todos seres humanos.

No ensino do ILF, o foco não é a pronúncia perfeita e de acordo com padrões nativos britânicos ou norte-americanos, mas sim, na comunicação eficaz. O objetivo é permitir que os falantes entendam ou compreendam, independentemente de seus sotaques ou origens linguísticas, e, por isso, é importante reconhecer que o inglês pode ser usado em uma variedade de contextos e para diversos fins. Observa-se que o inglês falado no mundo todo consiste em uma comunicação intercultural, sendo importante ressaltar que o ensino da língua inglesa pode incluir tanto metodologias tradicionais para determinadas situações, quanto metodologias de um ensino sob a perspectiva de ILF para situações variadas, especialmente em situações de mundo real. Nesse sentido:

A comunicação em ELF ocorre com os falantes utilizando estratégias comunicativas e mobilizando seu repertório linguístico. As estratégias comunicativas, ou estratégias pragmáticas, são usadas para negociar sentidos, isto é, para superar dificuldades de comunicação. Durante a interação, os interlocutores negociam sentidos ao acomodar seu discurso a fim de alcançar um terreno comum. Eles utilizam estratégias comunicativas como paráfrase, repetição e alternância de códigos (*code-switching*) para ajustar seu discurso ao interlocutor. Essas estratégias são centrais na comunicação em ELF, que se apoia na cooperação entre os falantes. Para os professores, promover a conscientização sobre essas estratégias comunicativas em sala de aula pode capacitar os aprendizes a interagir com outros usuários de ELF e a lidar com possíveis rupturas na comunicação (Bordon, 2020, p. 40-41, tradução da autora)⁹.

⁹ *ELF communication takes place with the speakers using communicative strategies and drawing on their linguistic repertoire. Communicative strategies, or pragmatic strategies are used to negotiate meaning, that is to overcome communication difficulties. During communication, interlocutors negotiate meaning by accommodating their discourse to reach common ground. They use communication strategies such as paraphrasing, repetition, and code-switching to accommodate their discourse to the interlocutor. These strategies are key in ELF communication, which relies on cooperation between speakers. For teachers, raising awareness of these communication strategies in class can equip learners to interact with other ELF users and be ready to deal with possible breakdowns in communication.*

O processo de ensino e aprendizagem de inglês como língua franca procura envolver abordagens e metodologias específicas para o ensino, confirmando que o inglês é frequentemente usado como meio de comunicação entre falantes do mundo todo. O ILF é uma abordagem que procura valorizar a eficácia da comunicação, uma vez que as normas linguísticas podem variar amplamente entre falantes não nativos.

Ademais, a conscientização sobre o ensino e a aprendizagem sob a perspectiva de ILF envolve a aquisição e o uso da língua inglesa em diversos contextos, tanto que o ensino de ILF geralmente baseia-se em uma abordagem comunicativa, onde o destaque é a compreensão mútua e a comunicação bem-sucedida. Os aprendizes sob a perspectiva de ILF precisam ser encorajados a compreender e se comunicarem efetivamente, independentemente da cultura e do estilo de fala de seus interlocutores. Nessa linha de pensamento:

é possível constatar, como bem pontuam Jordão e Marques (2018, p. 55), que a ideia de ILF não é mais concebida como uma variedade da LI, mas sim como um contexto específico de uso da língua que produz formas da língua e maneiras de interagir e comunicar muito diferentes daquelas esperadas em contatos de interação tradicionais, no qual o construto do falante nativo é uma referência absoluta. Dessa forma, as maneiras como usamos a língua são dependentes do contexto, contexto aqui compreendido como um determinante muito mais amplo do que o conceito tradicional de contexto como ‘situação de uso’. Contexto, portanto, indica não apenas um espaço físico ou graus de formalidade de culturas particulares, mas também indica dimensões afetivas, históricas, cognitivas, espaciais, perceptivas, materiais, representacionais de nossas ontologias e epistemologias, de como interlocutores compreendem e, portanto, têm as práticas interacionais deles construídas (Santos; Siqueira, 2019, p. 67-68).

Os aprendizes de ILF devem ser orientados quanto ao emprego de recursos de comunicação eficazes — como reformulação, perguntas simples e gestos — para superar possíveis barreiras na comunicação. Sob o enfoque da consciência intercultural, a compreensão das diferenças culturais e das normas de comunicação de outros povos é fundamental no contexto do ILF.

Assim, observa-se que:

a perspectiva de ILF é relevante para nosso contexto, sendo apontado os seguintes princípios dentre aqueles a serem levados em consideração: o estudo e a experiência comunicativa com diferentes variedades do inglês, reflexões sobre questões de identidade e posse da LI, discussões acerca de como avaliar habilidades produtivas que se distanciam das normas do falante nativo, a natureza intercultural do inglês e questões de inteligibilidade (Santos; Siqueira, 2019, p. 78).

Conhecer as possíveis diferenças culturais que podem afetar a comunicação pode ajudar os alunos a desenvolver habilidades interculturais. Os aprendizes de ILF quando incentivados a serem flexíveis em sua linguagem, adaptando-se às necessidades da situação e dos interlocutores, possivelmente farão uso de linguagem mais simples e vocabulário universal. Mesmo porque, como ressalta Siqueira (2018), os professores de inglês precisam desenvolver o conhecimento, habilidade e disposição para tornarem-se produtores e não apenas consumidores de conhecimento e materiais pedagógicos, procurando adotar outros encaminhamentos que levem a uma prática descolonizada do ensino de língua inglesa:

E, assim, ao apontar para diversos encaminhamentos que possam levar a uma prática de ELI descolonizada, Kumaravadivelu (2016) sugere um ordenamento que, entre outras questões, deve contemplar ações como, por exemplo, abandonar estudos comparativos sobre quem ensina melhor este ou aquele aspecto da língua, muito comum quando se trata de ensino de pronúncia, por conta de sotaques, conceber estratégias instrucionais específicas de cada contexto, levando em consideração as exigências históricas, políticas, sociais, culturais e educacionais locais, preparar materiais didáticos que respondam às estratégias instrucionais concebidas por profissionais locais, visibilizando o fato de que os livros produzidos nos centros hegemônicos de ELI são instrumentos de propagação dos princípios de métodos gestados nesses espaços, reestruturar programas de educação docente existentes de modo que futuros professores de inglês possam desenvolver conhecimento, habilidade e disposição para se tornarem produtores, e não apenas consumidores, de conhecimento e materiais pedagógicos, engajar-se em pesquisa proativa, não reativa, visando à redução da brutal e exclusiva dependência dos sistemas de conhecimentos dos centros hegemônicos, e assim por diante (Siqueira, 2018, p. 106).

Os recursos de ensino, materiais didáticos e atividades planejadas e aplicadas pelo professor precisam ser frequentemente pensados para refletir a natureza da comunicação em ILF; procurar amparar e orientar os aprendizes sob a perspectiva de ILF para lidarem com situações reais de comunicação, diante de contextos diversificados é papel do professor.

Considerações Finais

As discussões aqui apresentadas permitem iniciar reflexões acerca das práticas realizadas pelos professores no contexto de sala de aula. Mesmo, muitas vezes, sendo uma

tarefa difícil incluir no contexto de ensino e aprendizagem em sala de aula, o ensino de língua inglesa pode avançar muito com os estudos sob a perspectiva de ILF.

O ensino da língua inglesa sob a perspectiva de ILF vai ao encontro com a realidade de que o inglês está presente em contextos diversos e seu papel social, sendo que, a conceituação aqui utilizada para os preceitos de ILF possibilita reconhecer sua importância em estudos sobre as suas implicações pedagógicas.

Aqui, entendemos que a perspectiva do ILF está alinhada a uma educação crítica, que pode proporcionar um rompimento com ideias convencionais de ensino de língua inglesa, podendo levar os professores a repensarem seus objetivos de ensino.

No contexto da sala de aula, ensinar sob a perspectiva de ILF pode ser considerado também no ensino de habilidades linguísticas. Os alunos podem aprender habilidades de fala, escrita e leitura numa perspectiva de mundo. São habilidades valiosas que facilitam a comunicação intercultural, porque ao aprender a língua inglesa sob a perspectiva de diferentes culturas e países em contato com pessoas do mundo todo pode-se promover a compreensão intercultural e a tolerância; isso é de uma riqueza inigualável. O enriquecimento cultural é uma das características mais importantes ao se aprender a língua inglesa sob essa perspectiva, o que também permite que os alunos ampliem seus horizontes.

A língua inglesa desempenha um papel importantíssimo como língua franca e tem se tornado fundamental a abordagem sob a perspectiva de ILF no contexto da sala de aula para preparar os alunos para o mundo. E, no campo educacional, diante de novas perspectivas, os professores e os alunos podem construir olhares críticos sobre suas práticas.

Diante dessas perspectivas tão enriquecedoras, o ensino de língua inglesa pode estar pautado em uma consciência crítica e bem orientada, no sentido de que a comunicação sob a perspectiva do ILF considere o tratamento igualitário, respeitando a diversidade de todas as culturas e as questões sociais entre povos de todos os países.

O ensino de língua inglesa sob a abordagem de ILF pode fazer com que falantes e aprendizes sintam-se inseridos, valorizados e integrados diante dos padrões e costumes do outro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. L. V.; OLIVEIRA, E. M.; ARNONI, M. E. B. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORDON, P. **English as a Língua Franca**. São Paulo: FTD, 2020.
- BAKER, W. English as a lingua franca and intercultural communication. *In*: THE ROUTLEDGE handbook of english as a lingua franca. New York: Routledge, 2018. p. 27.
- COGO, A. English as a lingua franca: concepts, use and implications. **ELT Journal**, v. 66, 2012.
- JORDÃO, C. M. A posição de professor de inglês no Brasil: hibridismo, identidade e agência. **Revista Letras & Letras**, v. 26, 2010.
- LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia de fronteira: ideologia linguística para tempos híbridos**. [S. l.]: Delta, 2008.
- SANTANA, J. S. De língua estrangeira à língua franca e os paradoxos in-between. **Revista X**, v. 15, n. 5, 2020.
- SANTOS, J. N.; SIQUEIRA, S. Desafios contemporâneos na formação de professores de inglês: algumas contribuições dos estudos de Inglês como Língua Franca. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 3, 2019.
- SEIDHOLFER, B. **Understanding english as a língua franca**. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SIQUEIRA, S. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. **Inventário UFBA**, 2005. Disponível em: <https://inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>. Acesso em: 31 out. 2023.
- SIQUEIRA, S. Inglês como Língua Franca não é zona neutra, é zona transcultural de poder: por uma descolonização de concepções, práticas e atitudes. **Línguas e Letras**, v. 19, 2018.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Não se aplica.
 - ☐ **Financiamento:** CAPES.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não se aplica.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Não se aplica.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Keila Brito dos Santos Alba, participou na análise bibliográfica e redação, considerando a epistemologia interpretativista e a tipologia documental, tendo em vista que a pesquisa é qualitativa e construtivista social, voltada para os estudos da área. A coautora, Dra. Nilva de Oliveira Brito dos Santos, contribuiu com a construção das implicações pedagógicas voltadas para o ensino da língua inglesa, trazendo para o centro da reflexão o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, a mediação.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

